# CONTINGÊNCIAS DE GÊNERO NA OCUPAÇÃO DOS ESPAÇOS ESCOLARES E NA PARTICIPAÇÃO EM PRÁTICAS ESPORTIVAS

Manuella Brosso Said (PIC/UEM), Júlia Maestri Vilhena (PIC/UEM), Carolina Laurenti (Orientadora). E-mail: claurenti@uem.br.

Universidade Estadual de Maringá, Centro de Ciências Humanas, Maringá, PR.

**Área e subárea do conhecimento: Psicologia / Fundamentos e Medidas da Psicologia**

**Palavras-chave:** práticas de gênero; educação física; análise do comportamento.

## RESUMO

A Educação Física escolar constitui um espaço relevante para o desenvolvimento físico, cognitivo e social, mas também é perpassada por desigualdades de gênero que influenciam a participação em atividades físicas e esportivas e a ocupação dos espaços. Na perspectiva da Análise do Comportamento, essas diferenças podem ser compreendidas como produtos de contingências culturais que selecionam e mantêm repertórios distintos para meninas e meninos. Este estudo empírico, observacional e exploratório investigou contingências relacionadas à ocupação dos espaços e à participação em atividades esportivas e recreativas em função do gênero. A pesquisa foi realizada em uma escola do interior do Paraná, envolvendo 107 estudantes e 12 profissionais. Foram conduzidas entrevistas semiestruturadas e 14 sessões de observação com registros em vídeo de recreios e aulas de Educação Física. Os dados foram analisados com base no modelo da tríplice contingência. Os resultados indicaram que meninos ocuparam mais frequentemente áreas centrais de espaços recreativos e participaram de atividades com maior movimentação corporal, enquanto meninas permaneceram mais em áreas periféricas e em atividades menos ativas. As entrevistas sugeriram reforçamento social de repertórios associados à docilidade e menor ocupação dos espaços entre meninas, ao passo que a maior atividade dos meninos foi frequentemente naturalizada pelos profissionais. As observações registraram consequências sociais punitivas quando meninas buscavam ampliar sua participação. Entre os meninos, os dados sugerem que a maior ocupação dos espaços pode estar relacionada a consequências reforçadoras naturais e sociais. Iniciativas voltadas à ampliação da participação das meninas mostraram potencial para modificar essas contingências e diversificar repertórios comportamentais.

## INTRODUÇÃO

A Educação Física constitui uma ferramenta pedagógica para o desenvolvimento integral de estudantes, abrangendo aspectos corporais, cognitivos e sociais. Contudo, sua trajetória histórica foi marcada por concepções que associaram práticas esportivas à masculinidade, contribuindo para desigualdades de gênero no

contexto escolar (Silva, 2021), observadas tanto na participação esportiva quanto na ocupação dos espaços, com meninos tendendo a ocupar áreas maiores e destinadas a esportes coletivos, e meninas espaços mais restritos (Altmann, 2015). Em contraposição a concepções essencialistas, que atribuem essas diferenças a características biológicas, uma perspectiva contextualista compreende o gênero como construção sociocultural permeada por relações de poder (Zanello, 2022).
Alinhada a essa perspectiva contextual, a Análise do Comportamento permite compreender essas diferenças como produtos de contingências sociais e culturais, incluindo aquelas estabelecidas pela comunidade verbal e pelos currículos ocultos da instituição escolar (Ruiz, 2003). Embora estudos tenham descrito diferenças na participação esportiva de meninas e meninos, ainda são escassas pesquisas observacionais que analisem as contingências envolvidas na manutenção desses padrões no ambiente escolar. Assim, o objetivo desta pesquisa foi investigar as contingências relacionadas à ocupação dos espaços e à participação em atividades esportivas e recreativas em função do gênero em uma instituição escolar.

## MATERIAIS E MÉTODOS

Foi desenvolvida uma pesquisa empírica, observacional e exploratória, realizada em uma escola do interior do Paraná, selecionada por conveniência em função de sua disponibilidade para participação no estudo. Participaram estudantes do ensino fundamental e profissionais da instituição (professores, estagiários e monitoras). Foram utilizados um roteiro semiestruturado de entrevista e um protocolo de observação, contemplando a ocupação espacial, a participação em atividades físicas e as interações entre estudantes e profissionais. O estudo abarcou cinco etapas: (1) entrega dos Termos de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) e de Assentimento Livre e Esclarecido (TALE); (2) entrevistas semiestruturadas com profissionais, posteriormente transcritas; (3) 14 sessões de observação, durante recreios e aulas de Educação Física, registradas em vídeo e sistematizadas em protocolo; (4) análise dos dados das entrevistas e observações pelo modelo da tríplice contingência, considerando antecedentes, ações e consequências relacionados à ocupação, participação e interação em função do gênero; e (5) devolutiva dos resultados à escola, realizada por meio de folder explicativo e breve apresentação, acompanhados de sugestões para promoção de um ambiente escolar mais igualitário.
O projeto foi aprovado pelo Comitê Permanente de Ética em Pesquisa com Seres Humanos da UEM (CAAE: 87159425.4.0000.0104; Parecer nº 7.533.807), em conformidade com as exigências éticas aplicáveis à pesquisa com seres humanos.

## RESULTADOS E DISCUSSÃO

Participaram da pesquisa 119 pessoas, sendo 107 estudantes e 12 profissionais da escola. Foram realizadas 12 entrevistas e 14 sessões de observação, seis durante os recreios e oito durante as aulas de Educação Física. Nas entrevistas, 85% dos participantes relataram maior envolvimento dos meninos nas atividades durante os recreios, enquanto as meninas seriam mais frequentemente observadas sentadas e

conversando. Quanto às preferências esportivas, 90% associaram o futebol aos meninos, ao passo que 60% indicaram vôlei e handebol como modalidades mais praticadas pelas meninas.

As observações corroboraram parte desses relatos e evidenciaram diferenças na ocupação dos espaços e na participação nas atividades. Durante os recreios, os meninos ocuparam, em média, quatro vezes mais as regiões centrais e amplas dos espaços recreativos. Além disso, 88% das atividades observadas ocorreram exclusivamente com participação masculina; nas demais, a participação era mista, porém com predominância de meninos. Nas aulas de Educação Física, nas situações de livre escolha, o futsal foi praticado exclusivamente por meninos, enquanto queimada, bambolê e skate tiveram participação exclusivamente feminina. Nas atividades orientadas pelos professores, o futsal contou com 93% de participação masculina e 7% feminina, enquanto no handebol houve 65% de participação feminina e 35% masculina.

Embora esses padrões fossem observados e relatados pelos profissionais, sua relação com o gênero nem sempre era discriminada. Mais da metade das monitoras, quando questionada diretamente sobre a existência de diferenças entre meninos e meninas no desempenho de atividades escolares, respondeu não perceber distinções. Em outros momentos, contudo, essas mesmas participantes descreveram diferenças na forma de participação e de ocupação dos espaços. Essa aparente discrepância sugere que parte dessas relações pode ser funcionalmente pouco discriminada pelos adultos e descrita como característica dos próprios estudantes. No caso dos meninos, por exemplo, maior movimentação corporal era frequentemente apresentada como algo natural, sintetizado na afirmação de que “os meninos são assim”. Sob uma perspectiva analítico-comportamental e contextualista de gênero, entretanto, tais padrões podem ser compreendidos como repertórios relacionados às contingências sociais, culturais e educacionais que historicamente os selecionam e mantêm (Ruiz, 2003).

Os dados das entrevistas sugerem, particularmente para as meninas, a presença de possíveis consequências sociais favoráveis a repertórios de menor engajamento corporal. Permanecer sentadas durante o recreio era descrito por professores e monitoras como comportamento de meninas “obedientes” e “boazinhas”. Embora esses relatos não permitam, isoladamente, estabelecer a função dessas consequências, indicam que determinados comportamentos associados à docilidade poderiam produzir reforçamento social. Em contraste, as observações registraram situações nas quais tentativas de meninas de ampliar sua participação em atividades mais dinâmicas eram seguidas por consequências produzidas pelos meninos, como invasão do espaço ocupado, retirada da bola ou interrupção da atividade. Essas consequências podem contribuir para reduzir a ocorrência de respostas relacionadas à ocupação de espaços centrais e à participação em atividades mais intensas.

No caso dos meninos, a maior atividade corporal também estava sujeita a restrições. Durante os recreios, comportamentos mais ativos eram, em algumas situações, seguidos de repreensões ou intervenções dos monitores. Ainda assim, permaneciam frequentes, possivelmente em função de outras consequências disponíveis, como aquelas produzidas diretamente pela própria atividade e o reforçamento social proporcionado pelo grupo de pares. Assim, a maior participação masculina não pode

ser atribuída simplesmente a uma preferência natural, mas deve ser analisada em relação às diferentes condições de aprendizagem e às consequências que sustentam esses repertórios. Em conjunto, os resultados indicam uma organização diferencial das contingências relacionadas à participação corporal. Enquanto meninas encontravam possíveis consequências sociais favoráveis à permanência em atividades menos ativas e consequências potencialmente punitivas quando ampliavam sua ocupação dos espaços, meninos dispunham de fontes de reforçamento que contribuíam para a manutenção de atividades mais intensas, mesmo diante de algumas intervenções dos adultos. Esses padrões podem participar da produção e manutenção de repertórios corporais generificados no contexto escolar.

Nessa direção, o projeto “Skate para meninas” constitui um exemplo de modificação das condições ambientais. Ao disponibilizar às meninas uma modalidade socialmente associada aos meninos, ampliou-se a oportunidade de contato com novas contingências de aprendizagem. Assim, durante uma aula de livre escolha, por exemplo, observou-se a participação exclusiva das meninas no uso dos skates.

## CONCLUSÕES

A pesquisa sugere que diferenças na ocupação dos espaços recreativos e no perfil de atividades desempenhadas estão relacionadas a contingências sociais que distribuem desigualmente as oportunidades de participação de meninas e meninos. Como limitações, são destacados: o número reduzido de sessões observacionais e a necessidade de aprimoramento do protocolo. Os achados destacam o potencial de iniciativas voltadas à igualdade de gênero, como o projeto “Skate para Meninas”, para reorganizar contingências que historicamente restringem a participação feminina em práticas corporais, ampliando oportunidades de reforçamento para repertórios esportivos e recreativos mais variados.

## REFERÊNCIAS

ALTMANN, Helena. Marias (e) homens nas quadras: sobre a ocupação do espaço físico escolar. **Educação & Realidade**, Porto Alegre, v. 24, n. 2, p. 157-173, 2015. Disponível em: https://seer.ufrgs.br/index.php/educacaoerealidade/article/view/55438 Acesso em: 30 ago. 2026.

DA SILVA, Juliana Soares. As relações de gênero na educação física escolar: um estudo de revisão bibliográfica**. Revista Eletrônica História em Reflexão**, Dourados, v. 15, n. 29, p. 232–246, 2021. Disponível em: https://doi.org/10.30612/rehr.v15i29.11902. Acesso em: 30 ago. 2026.

RUIZ, Maria del Rosario. Inconspicuous sources of behavioral control: the case of gendered practices. **The Behavior Analyst Today**, v. 4, n. 1, p. 12-16, 2003. Disponível em: https://doi.org/10.1037/h0100005. Acesso em: 30 ago. 2026.

ZANELLO, Valeska. **A prateleira do amor:** sobre mulheres, homens e relações. São Paulo: Appris, 2022.